

A NEOLOGIA E OS PROCESSOS GENOLEXICAIS EM ANTROPÔNIMOS BRASILEIROS: UM BREVE MAPEAMENTO DE ESTUDOS REALIZADOS

Natal Almeida SIMÕES NETO¹
Letícia Santos RODRIGUES²

Resumo: Este trabalho tem caráter revisionista e pretende destacar os aspectos morfolexicais atinentes à antroponímia brasileira, partindo, inicialmente, da constatação feita por alguns autores, como Castro (2004), de que o Brasil, diferentemente de Portugal, se caracteriza pela inovação na atribuição de nomes de pessoas. Partindo desse aspecto, foi feito um relato crítico, comparado e aproximativo de dois projetos de pesquisa realizados na primeira década do século XXI e que descreveram a antroponímia do Brasil em perspectivas diferentes, a partir de localidades diferentes (Rio de Janeiro e Bahia). Por fim, fez-se um detalhamento dos aspectos morfológicos em torno da inovação antroponímica brasileira, tomando como norte as categorizações de Monteiro (2002) e acrescentando discussões feitas por outros autores sobre o referido tema. Para subsidiar as discussões, foram coletados alguns registros de nomes em variados sites e páginas brasileiras na internet.

Palavras-Chave: Antroponímia; Neologismos; Morfologia Nominal.

Abstract: This paper is revisionist and aims to highlight the morpholexical aspects related to the Brazilian anthroponymy, starting initially, from the observation made by some authors, as Castro (2004), who says that, unlike Portugal, Brazil is characterized by the innovation in the designation of people's names. After that, a critical report was made, comparing and approximating two research projects conducted in the first decade of 21st century that describes the anthroponymy in Brazil from different perspectives, from different locations (Rio de Janeiro and Bahia). Finally, it was made a detailing of morphological aspects that involves the Brazilian antroponimic innovation, taking as north, categorizations made by Monteiro (2002) and in addition to that discussions made by other authors about the mentioned topic. To support these discussions were collected some registered names in different Brazilian websites.

Keywords: Anthroponomy; Neologisms; Nominal Morphology.

¹ Mestre (2016) pelo Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia. Graduado (2014) em Letras Vernáculas (Licenciatura), por essa mesma instituição. Atualmente, é professor substituto no Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia, atuando em disciplinas dos setores de Texto e de Língua Portuguesa. Os principais interesses de estudo e pesquisa estão nas áreas de Morfologia, Antroponímia, Léxico e Semântica em Perspectiva histórica e/ou cognitivista.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo. Bacharela. Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Dedicar-se a estudos voltados para o léxico, a morfologia, a etimologia, a onomástica, a linguística histórica e a linguística cognitiva

Considerações iniciais

Os manuais de morfologia do português têm dado pouca atenção à formação de nomes próprios. Um dos poucos casos é *Morfologia portuguesa*, de Monteiro (2002), em que o autor menciona alguns processos de estruturação e criação de nomes, tais como derivação imprópria, sufixação, composição, braquissemia e acrossemia, processos que o autor, em princípio, descreve para os nomes comuns, mas estabelecendo correspondência para os nomes próprios.

É bem verdade que, no Brasil, a realização de estudos voltados para a onomástica, considerada a “área da linguística que se dedica ao estudo dos nomes próprios, quer se direcionem para as suas origens, quer para os seus processos de formação, quer para a sua organização no léxico das línguas e também no meio social” (Rodrigues 2016, p. 13) ainda tem sido tímida, diferentemente do que acontece com outras comunidades linguísticas.

Neste trabalho, pretendemos fazer uma revisão panorâmica dos estudos de nomes personativos³ na língua portuguesa do Brasil, destacando-se os trabalhos relacionados à criatividade lexical e aos processos de formação em nomes próprios. Eventualmente, a fim de explicar melhor tais processos, foram coletados registros de nomes de brasileiros, em sites da *internet* desse país. Uma vez que a antroponímia brasileira tem sido lembrada pela sua notória inventividade, traço que a diferencia da tradição portuguesa, como sugere Castro (2004), a escolha por investigar nomes no Brasil, e não em Portugal, não é aleatória, pois os portugueses são mais normativos⁴ quanto à atribuição dos nomes, usando até mesmo de recursos legislatórios para controlarem esse processo, ao passo que os brasileiros lançam mão de uma criatividade surpreendente para tentar alcançar alguma unicidade (ULLMANN, 1967).

Expostas essas breves considerações, o artigo se organiza da seguinte maneira: na segunda seção, destacam-se as similaridades e as diferenças entre os processos de nomeação que acontecem no território português e no brasileiro, a partir do estudo de Castro (2004) acerca dos prenomes e sobrenomes mais comuns em Lisboa (Portugal) e São Paulo (Brasil), cidades mais populosas dessas nações.

Na terceira seção, dividida em duas subseções, são feitas discussões sobre a caracterização da antroponímia brasileira, na qual se destaca o trabalho de Mexias-Simon (2004), além de algumas pesquisas desenvolvidas pelo projeto “Todos os nomes: análise sócio-histórica, etimológica e mórfica da antroponímia baiana”, da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Na quarta seção, são apresentados aportes para o estudo da neologia no léxico comum e as correspondências e diferenças no léxico antroponímico, pautando-se, basicamente, nas classificações propostas por Monteiro (2002) e estabelecendo diálogos com outros trabalhos da área e com o *corpus* de análise. Na quinta seção, são feitas as

³ Também referidos neste projeto como “antropônimos”, “nomes designativos” ou “prenomes” – quando se referirem ao(s) nome(s) que antecede(m) o(s) sobrenome(s).

⁴ Em Portugal há uma lista de nomes que podem ser utilizados para nomear os indivíduos e também uma lista de nomes proibidos. Um dos motivos é a preservação do português no território, evitando as influências estrangeiras (inclusive fazendo valer adaptações fonéticas e ortográficas para o português), além das restrições quanto ao uso, por exemplo, de alguns vocábulos do léxico comum que passem ao léxico dos nomes próprios. Também existe uma intensa preocupação de que o nome não provoque no indivíduo nomeado nenhum tipo de constrangimento, como a dúvida na atribuição de dado antropônimo ao sexo feminino ou masculino. Essa lista está em constante atualização, dada a dinâmica da língua e das necessidades dos indivíduos, e é alvo de diversas alterações entre os que concordam e os que discordam. Conferir: <<http://rederecord.r7.com/video/lista-com-cinco-mil-nomes-proibidos-vira-lei-em-portugal-4d59337a9dfc1bf61d9a1f4b/>>. Acesso em: 1 mar. 2016.

considerações finais, seguidas das referências.

Os nomes de pessoas em Portugal e no Brasil: em busca das (não) semelhanças

Com o intuito de discutir a nomeação em Portugal e Brasil, Castro (2004) analisa listas telefônicas de São Paulo e Lisboa (referentes ao ano de 2001). O autor observa que o sobrenome *Silva* é o de maior recorrência. A respeito dos prenomes, o autor percebe que é nessa categoria que se notam as principais diferenças e a “espantosa liberdade que ocorre na antroponímia brasileira, em que a imaginação criativa corre à solta na escolha dos nomes de batismo no Brasil” (MATTOS e SILVA 2001 como citado em CASTRO 2004, p. 5). Partindo do pressuposto de que *Silva*⁵ é o sobrenome mais recorrente nas duas cidades (Lisboa e São Paulo), Castro (2004) supõe que as combinações “prenome + *Silva*” devem ajudar a melhor refletir sobre a realidade dos nomes de batismo no Brasil. Entre as conclusões a que chegam o autor, estão:

- a. *Maria Silva* é uma combinação facilmente encontrável em ambos os espaços, mas de maior abundância no Brasil;
- b. Não se pode dizer o mesmo nem das combinações de *Silva* com nomes como *Fernando*, *Joaquim*, *Mário* e *Vitor*, vistos em quantidade muito maior no território português, nem com *Artur* e *Nuno*, que os portugueses muito usam e que, entretanto, não foram vistos entre os prenomes brasileiros;
- c. Da mesma forma, os portugueses dispensam combinações de *Silva* com *Josefa*, *Geraldo*, *Márcia*, *Marcelo*, *Neuza* e *Edson*, sendo esses dois últimos facilmente identificados como nomes de brasileiros pelos portugueses;
- d. Os portugueses pouco usam *Sônia*, *Teresinha* e *Severino*;
- e. *Antônia*, *Francisca* e *Regina* são prenomes bastante vistos no Brasil e pouco vistos em Portugal. No entanto, Castro (2004) menciona que, em Portugal, são facilmente encontráveis como segundo nome, pospostos à *Maria*.

Quanto à inovação na antroponímia brasileira, Castro (2004, p. 8) observa que ela, embora destacável, não é atestada entre os nomes mais recorrentes na lista telefônica de São Paulo. Sobre a presença ainda maciça do elemento português na onomástica do Brasil, mesmo em posição minoritária, o autor credita à duração da colonização unicamente portuguesa em solo brasileiro, até meados do século XIX. Esse reflexo nos antropônimos inclui não só os nomes de inspiração religiosa, mas também os sobrenomes e os nomes tradicionais portugueses.

Em relação à situação oposta, o elemento brasileiro na onomástica de Portugal, Castro (2004) comenta que a sua interferência sempre foi mais cultural e menos demográfica, caracterizando-se mais pelo empréstimo midiático (telenovelas, por exemplo) do que pelo contato entre pessoas. O autor diz não se surpreender que, dentro da homogênea população portuguesa, “não exista uma secção que se defina pelas suas origens brasileiras e o traduza, entre outras formas, através do nome que atribui aos seus filhos” (CASTRO 2004, p. 8). Assim, os nomes típicos dos brasileiros não encontram motivos para figurarem em Portugal e a reconhecida criatividade na formação de nomes no Brasil não encontra correspondência em terras portuguesas. Ivo Castro (2004, p. 8) conclui que “em matéria de onomástico pessoal, a coincidência que se verifica entre Portugal e o Brasil nos nomes de mais elevada frequência decorre da conservação, em ambos os países, de material linguístico tradicional português”.

⁵ No contexto do trabalho de Castro (2004), as considerações feitas têm que ser pensadas para a combinação “prenome + *Silva*”. Assim, ao falar da ocorrência *Maria*, *Fernando*, *Joaquim* e *Nuno*, deve-se entender *Maria Silva*, *Fernando Silva*, *Joaquim Silva* e *Nuno Silva*.

Sobre os nomes tipicamente brasileiros: a caracterização da diferença

Entre as pesquisas que discutem a inventividade na atribuição de nomes entre os brasileiros, destacam-se as desenvolvidas pela professora Maria Lucia Mexias-Simon (2004), da Universidade Severino Sombra, localizada no município de Vassouras, no estado do Rio de Janeiro, e as feitas pelo projeto “Todos os nomes”, entre os anos de 2007 e 2009, na Universidade Federal da Bahia. Os trabalhos, embora apresentem recortes distintos, se complementam e revelam características fundamentais sobre a antroponímia brasileira.

A tradição e a criatividade em interiores fluminenses no século XX

O trabalho de Mexias-Simon (2004) compreende duas pesquisas. A primeira analisa os nomes documentados em registros de paróquias de três municípios vizinhos localizados no interior do estado do Rio de Janeiro (RJ)⁶, entre os anos de 1928 e 1972, destacando-se as tendências onomásticas de cada época. Na segunda, a autora intenta observar os nomes de batismo de crianças estudantes do 1º grau nas escolas públicas do município de Vassouras (RJ). A criatividade e o conservadorismo nas nomeações foram analisados levando em conta a escolaridade dos pais e a renda da família.

Sobre o primeiro estudo, na lista de nomes encontrada no ano de 1928, a autora observa que: a) a tradição religiosa é a principal motivação entre os nomes mais recorrentes (*Maria, Antônio, José, Francisco, João, Pedro* etc.); b) há um grande número de nomes que fogem da correspondência ortografia-fonologia do português (*Jones, Welson, Nelson, Norbert, Waldonier, Hylto*); c) não há forte presença de nomes de origem indígena (*Iracema* – embora anagramático⁷ –, *Juracy* e *Jurema*); d) aparecem, sem muita expressividade, nomes de personagens históricos e mitológicos (*Alexandre, Alfredo, Archimedes, Heitor, Herculano, Quintiliano*, mas a autora considera que sejam atribuídos por outras razões, como eufonia ou homenagem à outra pessoa); e) há recorrência de nomes de origem bíblica (*Abel, Daniel, David, Judith, Rachel, Natanael, Ruth* etc.); f) a oscilação gráfica (*Luís/Luiz* ou *Rosa/Roza*) é frequente; g) *Jamile* foi o único nome de origem árabe; h) os nomes duplos são recorrentes, sobretudo aqueles encabeçados por *Maria* e; i) é grande – 45 ocorrências – o número de nomes claramente fabricados (*Adalice, Adalmiro, Aldemira, Alvany, Brandina, Dorcelina, Eddevin, Eracina, Erotildes, Flausina, Irine, Jocelina, Merendina, Olindina, Orcilio, Ruterica, Zena* etc.).

Na relação de 1938, Mexias-Simon (2004) conclui que: a) há uma pulverização de nomes, que se justifica pelo crescimento populacional, e o nome mais recorrente é *José*, com 20 realizações; b) a tendência de usar nomes de tradição religiosa continua; c) quanto aos nomes com grafia diferente ao sistema da língua portuguesa naquele momento, estão *Shirley* (provável influência do cinema), *Nilson* e *Nilton* (com grafia aportuguesada), *Nely, Lucy, Wilson, Ivette, Valter* e *Waldemar*, estando esses três últimos já adaptados fonologicamente ao sistema; d) entre os nomes de origem indígena, estão o anagrama *Iracema* e o seu acompanhante, por paronomásia, *Iraci*, e ainda *Yara, Aracy, Juracy* e *Moacyr*, que oscila graficamente com *Moacir*; e) as grafias também variam em *Manoel/Manuel, Nilto/Nilso, Aparecida/Apparecida, Odethe/Odette, Tereza/Thereza* e *Herondina/Erondina*; f) a inspiração bíblica é vista em *Anna, Benjamin, Moisés*,

⁶ Os municípios, as respectivas paróquias e os anos selecionados foram: a) município de Mendes (Paróquia de Santo Cruz, no ano de 1928); b) município de Paty dos Alferes (Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, nos anos de 1938, 1948 e 1958); e c) município de Vassouras (Paróquia de Santa Rita, nos anos de 1968 e 1972).

⁷ Processo de formação de antropônimos neológicos que será mais explicado na quarta seção.

Nazareth (como nome simples), *Barnabé*, *Dalila*, *David*, *Elias*, *Gabriel* e *Joel*; g) os nomes duplos continuam sendo encabeçados, na maioria das vezes, por *Maria*; h) os adjetivos *Cisalpino* e *Vital* e o nome de família *Hernandes* aparecem como prenomes; e i) entre os nomes inovadores (59 ocorrências), estão *Arrudo*, *Aujacira*, *Edes*, *Elides*, *Elmídio*, *Eitil*, *Jocelino*, *Jorcele*, *Margariano*, *Margarina*, *Devanil*, *Mauri*, *Risseolindo*, *Naldina*, *Osair*, *Reolinda*, *Rodináh*, *Salmina*, *Waldete*, *Walmdiria*, *Zimir* etc.

A respeito dos dados de 1948, verifica-se que: a) a pulverização de nomes, vista em 1938, se mantém e os nomes de maior ocorrência são: *Antônio*, *João*, *Jorge*, *José* (considerando os nomes compostos), *Luís/Luiz* (também contando os compostos), *Manuel/Manoel* e *Maria*, que aparece mais como cabeça de nome duplo do que nome simples; b) entre os nomes ainda não adaptados ortograficamente ao português da época, estão *Georgette*, *Bernadette* e *Jeanette*, que não causam estranheza; c) nos brasileirismos, aparecem o anagrama *Iracema*, além de *Iraci*, *Piracema*, *Piraci*, *Juracy*, *Jurema* e *Moacyr*; d) os nomes bíblicos e mitológicos são encontrados em *Eva*, *Joel*, *Léa*, *Lucas*, *Miguel*, *Miriam* e *Homero*; e) as duplas grafias podem ser observadas com *Altamiro/Altemiro*, *Clemilda/Cremilda*, *Dulcenéa/Dulcinéa*; f) há 52 nomes tidos como inovadores (ou com forte variação fônica), entre os quais estão: *Adair*, *Adenária*, *Adicéa*, *Adirçon*, *Altaídes*, *Calmina*, *Dejaci*, *Delaide*, *Delço*, *Dirço*, *Gerval*, *Gisalda*, *Irisney*, *Ivanilde*, *Jandir*, *Marinaldo*, *Salemar*, *Uilson* e o diminutivo *Carminha*.

Sobre o ano de 1958, a autora constata que: a) não há inovação no que diz respeito aos nomes de maior incidência, que inclui *Carlos*, *João*, *Maria*, *Jorge*, *José* e *Paulo*, todos muito recorrentes em nomes duplos; b) há um nome triplo: *Alexandrina Sandra Inês*; c) entre os nomes bíblicos e mitológicos aparecem *Eva*, *Gabriel*, *Gerson*, *Job*, *Josias* e *Moisés*, mas nem sempre é essa a motivação da escolha; d) entre os brasileirismos estão *Iracema*, *Jandira* e *Juraci*; e) a variação gráfica é vista em *Ademir/Ademi*; f) entre os nomes que não soam portugueses estão *Hidetashi* (justificado pela migração japonesa), *Renan*, *Udenberg* e *Wanderley*, herança deixada pelos holandeses; g) os nomes criativos são 14, estando entre eles: *Alanir*, *Anagilda*, *Arcelene*, *Evani*, *Ineide*, *Valdair* e *Valkenedia*.

Na relação do ano de 1968, Mexias-Simon (2004) chega às seguintes constatações: a) os nomes duplos se tornam mais recorrentes que os nomes simples e *Carlos* e *Maria* são os mais frequentes como primeiro nome do prenome duplo; b) entre os nomes brasileiros aparece apenas *Janaína*, que a autora considera mais africanismo do que indianismo; c) há pouca ocorrência de nomes de personagens históricos, constando apenas *Julio Cesar*, *Marco Antônio* e *Joana D'Arque*; d) no setor bíblico e mitológico, destacam-se *Aladim*, *Elias*, *Edem*, *Josias*, *Moisés* e *Salomé* (como nome de homem em um composto); e) a dupla grafia é observada com *Marinete/Marineti*, *Luís/Luiz* e *Rosemary/Rosemari/Rosemere*; f) entre os nomes estranhos à grafia portuguesa estão *Bianca*, *Hamiltom*, *Hudson*, *Edson*, *Liliane*, *Mary*, *Niltom*, *Shirlei*, *Simone*, *Wanderley* e *Wilson*, mas a autora ressalva que esses nomes já não soam mais como importados, devido à recorrente usualidade; g) os nomes inventados, sem nenhuma etimologia atestada são 29, entre os quais estão: *Alcimar*, *Aldecir*, *Claudenir*, *Danilson*, *Hamilta*, *Idevone*, *Ivonete*, *Juciara*, *Josemar*, *Lucimar*, *Vanuza*, *Edimilso*, *Marzelo* e *Waldecy*.

Sobre a última relação consultada, de 1972, as observações de Mexias-Simon (2004) foram: a) os nomes duplos se mantêm frequentes e *Ana* se mostra um nome recorrente, com suas 24 realizações em nomes de compostos; b) paralelamente aos nomes compostos, há uma tendência para a escolha de nomes curtos dissílabos, e *Márcio* e *Cláudio*, nomes antes raros, passam a ser frequentes; c) a religiosidade se faz presente, de maneira insólita, em nomes como *Adriana Therezinha*, *Aguinalda Aparecida*, *Carla Aparecida*, *Gloria Celeste* e *Palmira de Fátima*; d) os nomes de personagens históricos

acontecem com os bastante popularizados *Alexandre, Julio Cesar e Marco Antonio*; e) os nomes bíblicos e mitológicos são representados por *Benjamin, Elias, Gerson, João Batista, Joel, Jonas, Raquel, Susana e Ester*; f) os brasileirismos são observados através de *Janaina, Jandiára, Jandira e Ubirajara*; g) *Anderson, Clayton, Douglas, Francinetti, Giuliana, Micheline, Karina, Wallace, Pablo, Robson, Wanderson e Wagner* são sentidos como não pertencentes à língua portuguesa; h) os nomes inventados são 62 e, entre eles, estão: *Adeílson, Adnilson, Alcilene, Claudinei, Claudemir, Ivanilson, Ivanuzia, Laurecir, Maiélson, Roliana, Roney, Rosilda, Rosinea, Rudinei, Saulimar, Edilson, Enivaldo, Franzimar, Mauricéa, Odair, Vanderson e Varlei*.

Na segunda pesquisa empreendida por Mexias-Simon (2004, p. 106), os resultados constatados foram os seguintes:

- a. Quanto mais alta a escolaridade, sobretudo do pai, maior o conservadorismo;
- b. A presença da religião é mais forte entre os que possuem maior escolaridade;
- c. Retomar nomes de amigos e/ou parentes é mais comum nas classes menos favorecida;
- d. A mídia influencia menos as pessoas menos situadas, sobretudo os homens;
- e. Da mesma forma, as classes mais bem situadas prendem-se mais à eufonia dos nomes que às razões próprias, sejam quais forem.

Todos os nomes: análise sócio-histórica, etimológica e mórfica da antroponímia baiana

No âmbito do “Todos os nomes”, projeto desenvolvido no âmbito do Programa para a História da Língua Portuguesa sob a coordenação das professoras Tânia Lobo, Juliana Soledade e Ariadne Almeida, estão os trabalhos desenvolvidos por Silva (2009), Martins (2009), Souza (2009) e Possidônio (2009), que dão as maiores contribuições acerca da caracterização dos antropônimos de brasileiros. Todas essas pesquisadoras analisaram o mesmo *corpus*, a lista de aprovados no vestibular de 2005 da Universidade Federal da Bahia (UFBA) – em que há 3.986 prenomes – mas lançaram olhares diferentes.

Silva (2009), por exemplo, observa a presença dos estrangeirismos nos prenomes iniciados da letra A até a letra E, e constata que, desses 1.222, 217 são estrangeirismos e/ou empréstimos oriundos do contato do português com outras línguas, totalizando 17,76% do recorte do *corpus*. Dentre esses prenomes analisados, percebe-se que 35,94% dos antropônimos correspondem aos de origem francesa (*Anne, Aline, Carine, Caroline, Catharine, Cristiane, Danielle, Denise, Dennis, Eliete* etc.), 27,18% aos de origem inglesa (*Alan, Alisson, Anderson, Deise, Cleiton, Charles, Erick, Edson, Bruce, Everton, Elton, Emile, Evelin, Elen* etc.), 24,42% referem-se a outras línguas e 18,89% são de origem duvidosa. Levando-se em conta o gênero dos indivíduos, constatou-se que 40,62% referem-se a pessoas do gênero masculino, 53,12% são referidos ao gênero feminino e a 6,25% não há clareza quanto ao sexo – tal imprecisão parece decorrer do fato de não se ter tido acesso às fichas cadastrais que contêm informações socioculturais, dentre as quais a variante sexo. Embora os antropônimos estrangeiros não constituam a maior parte do *corpus*, os resultados sinalizam a forte dominação político-cultural e linguística que a França e os Estados Unidos da América exerceram em dados momentos históricos. Destaca-se também a importância dos empréstimos no desencadeamento da mudança linguística, pois é um processo que ajuda a renovar o acervo de palavras da língua que o importa e materializa as relações de contato, seja de natureza física, seja de natureza remota.

Martins (2009), partindo da constatada influência que os contatos linguísticos da língua portuguesa com línguas de matrizes indígenas e africanas deram ao léxico de nomes comuns do português brasileiro, analisa como isso se deu no léxico antroponímico. No *corpus*, essa autora atesta 31 ocorrências de 14 nomes indígenas e nenhuma de nome africano. Dos 14 nomes indígenas, 12 estão atestados no dicionário de Antenor Nascentes (1952), sendo 10 de origem tupi e duas criações de José de Alencar. As outras duas realizações são nomes neológicos, criados por uma família Pataxó, do sul da Bahia. A autora detectou também que nenhum dos cinco antropônimos africanos destacados no referido dicionário consta no *corpus*. Os resultados, como destaca Martins (2009), não refletem a demografia histórica do Brasil, considerando que os africanos, os índios e os seus descendentes formaram, do século XVI ao século XIX, a maior parcela da população brasileira, o que sugere que indígenas e africanos tenham sido expropriados dos seus nomes no decorrer da história do Brasil.

Souza (2009), por sua vez, analisa 440 nomes iniciados pela letra A, com o intuito de refletir sobre o uso de nomes compostos, a respeito dos quais a autora prefere se referir como “nomes duplos”. Para observar se essa justaposição de prenomes se dá majoritariamente entre dois nomes tradicionais, dois nomes neológicos ou até mesmo mesclados, Souza (2009) utiliza o critério geral do grupo “Todos os nomes”, em que se concebe como nome neológico aquele que não foi atestado nem no dicionário etimológico onomástico de Antenor Nascentes (1952), nem na Bíblia (por conferir um caráter tradicional). Com isso, os resultados da análise empreendida pela autora revelam que, dos 440 candidatos observados, 171 (38,9%) possuem um nome duplo, contra 269 (61,1%), que têm um nome simples. Desses 171, 123 (71,9%) são formados por dois prenomes tradicionais (*Alberto Carlos, Adriana Maria*), 34 (19,9%) se constituem de um tradicional e um neológico (*Adaltiva Glória, André Celli*) e 14 (8,2%) justapõem dois neológicos (*Adler Ramon, Aline Gisele*). Sobre os prenomes mais recorrentes na posição inicial estão *Ana* (76 ocorrências – 44,4%), para as pessoas do sexo feminino, e *Antônio* (21 ocorrências – 12,3%), para as pessoas do sexo masculino. A respeito das 76 ocorrências com *Ana*, a autora observa que, em 86,8% (66 realizações), há uma ligação a outro nome tradicional, contra 13,2% (10 casos – sete desses são *Ana Carla ~ Anna Karla*) em que se liga a um nome neológico. Sobre as 21 formações com *Antônio*, apenas um acontece com nome neológico (*Antônio Diego*), contra 95,2% (20 ocorrências) com nomes tradicionais.

Possidônio (2009), por fim, investiga a produtividade e a estruturação mórfica dos prenomes considerados neológicos, utilizando-se não só das mesmas premissas seguidas por Souza (2009), no que toca aos critérios de classificação dos nomes, mas também se valendo do mesmo *corpus*: os 440 prenomes iniciados pela letra A. Diante disso, a pesquisadora constatou que, de 440 nomes, 51 foram considerados como neologismos potenciais, perfazendo 11,5% desse recorte. Entre os prenomes neológicos, 21 (41,1%) referem-se a indivíduos do sexo masculino (*Adailton, Adalbério, Adelson, Ademir, Aderlan* etc.), 25 (49%) a pessoas do sexo feminino (*Adenilza, Adnete, Adriane, Alaine, Alcinara* etc.) e cinco (9,9%) não são transparentes quanto a essa questão (*Adamis, Adir, Amine, Arilone e Avilane*). A recorrência foi pouco observada nos nomes neológicos, podendo chegar a, no máximo, três ocorrências, como nos casos de *Analice* e *Analu*, ou ainda duas, como aconteceu com *Adailton, Ailton* e *Ariosvaldo*.

Diferentemente do que aconteceu com a pesquisa sobre a antroponímia fluminense, o grupo de pesquisa “Todos os nomes” não chegou a traçar um perfil sociolinguístico com base nos resultados encontrados e, mesmo com o advento da política de cotas na UFBA tendo sido um fator determinante para a seleção do *corpus*, uma vez que fez disparar a expansão e a popularização das universidades públicas, não se fez

nenhuma análise nesse sentido, pois a lista de aprovados dessa instituição em especial não explicita quais estudantes foram optantes pelas vagas destinadas aos cotistas. Isso só seria possível se houvesse acesso às fichas cadastrais, o que, como já dito no trabalho de Silva (2009), não se concretizou.

Aproximações constatadas entre Rio de Janeiro e Bahia: possíveis tendências da antroponímia brasileira

As pesquisas apresentadas recortam épocas e espaços diferentes da antroponímia brasileira. A pesquisa de Mexias-Simon (2004) analisa dados da antroponímia fluminense do século XX, com a possibilidade de haver pessoas nascidas no século XIX. Os trabalhos do grupo “Todos os nomes” analisam dados da antroponímia baiana do século XXI, com nomes de pessoas que nasceram no século XX. Os resultados a que chegaram, contudo, são muito semelhantes e permitem fazer generalizações acerca das tendências onomásticas no Brasil como um todo e entendê-las em um enquadramento histórico, pois têm se mantido ao longo de gerações.

A respeito dos estrangeirismos, Mexias-Simon (2004) aborda-os como os nomes que não são sentidos como pertencentes ao sistema fonológico ou ortográfico do português e esses não contemplam uma maioria e nem apresentam muita reincidência. Essa autora destaca: a) a frequência com que sobrenomes nas línguas de origem são importados como prenomes para a antroponímia brasileira; b) o fato de prenomes femininos nas línguas de origem serem usados como masculinos em português, caso de *Sidney*; c) a existência de prenomes que, de tão usuais na antroponímia portuguesa, dificilmente são sentidos como importados, como *Guilherme* e *Simone*. Silva (2009) constata a mesma baixa ocorrência de empréstimos, considerando a mencionada incorporação total ao sistema fonológico e ortográfico do português. Uma contribuição desse trabalho que não se verifica no de Mexias-Simon (2004) é a informação de quais línguas foram tomadas a maioria dos empréstimos dos prenomes: o francês e o inglês.

Ainda no esteio de relações de contato e empréstimos, Mexias-Simon (2004) menciona a baixa presença de brasileirismos no seu *corpus*. Pelo que se observa, no entendimento dessa autora, o termo “brasileirismo” aborda itens lexicais característicos da história social do Brasil, advindos do contato do português com as línguas africanas e indígenas. Em um dado momento, ao tratar do prenome *Janaína*, a autora diz que esse se aproxima mais de um africanismo do que de um indianismo. Entre os nomes mais recorrentes, está *Iracema* (anagrama de *América*, cunhado pelo autor José de Alencar), *Iraci*, *Yara*, *Aracy*, *Juracy* e *Moacyr*. Martins (2009) também destaca a presença de prenomes criados pelo já referido autor literário dentro da pouca ocorrência de nomes dessas origens.

Quanto aos nomes compostos ou duplos, os trabalhos de Mexias-Simon (2004) e Souza (2009) se aproximam na constatação de que o prenome *Ana* tenha uma tendência a ser acompanhado de um segundo nome. Nos dois trabalhos, foram poucos os registros do referido nome de maneira unitária. Como Souza (2009) trabalhou somente com os prenomes duplos cujo primeiro nome é iniciado com a letra A, não foi possível destacar a recorrência de *Maria* nessas estruturas, como fora atestado no *corpus* de Mexias-Simon (2004). Por isso, não se poderia dizer que, na antroponímia baiana, não há essa tendência. A recorrência do nome *Maria* nessas formações está fortemente ligada à tradição cristã e à imagem da Virgem Maria. Como o Brasil é um país de tradição cristã, não há motivos para achar que esse corrente uso é característico dessa ou daquela localidade.

Por fim, quanto aos prenomes tidos como neológicos, Mexias-Simon (2004) e Possidônio (2009) dão contribuições analiticamente distintas. A primeira autora faz a

listagem desses nomes e, do ponto de vista linguístico, as suas considerações fornecem bases mais para a discussão da criação onomástica no plano fonológico, visto que a autora considera o critério de eufonia bastante preponderante nessas formações. Assim, percebemos, a partir da listagem de Mexias-Simon (2004), que esses nomes neológicos se formam da combinação de sons que soa agradável para o falante nomeador, como *Edes*, *Fifia*, *Onina*, *Eitil*, *Isordi* e *Evani*, ou da troca, adição ou subtração de sons/grafemas de nomes mais difundidos, como *Marzelo* (no lugar de *Marcelo*), *Delaide* (no lugar de *Adelaide*) e *Liêda* (no lugar de *Lêda*).

Possidônio (2007), por outro lado, descreve os nomes neológicos encontrados em uma perspectiva morfológica, trabalhando com um sistema de comutação mórfica baseado no quadro estruturalista, destrinchando uma série de características que ajudam a diferenciar os nomes personativos de outros tipos de nomes. Algumas dessas diferenças são tratadas na próxima seção, em que destacamos os trabalhos que abordam a antropônimo na perspectiva da morfologia lexical.

Descrição dos processos genolexicais na formação de nomes de pessoas do Brasil

A neologia é um tema recorrentemente debatido nos estudos lexicais e de suma importância para quem trabalha com o léxico em perspectiva histórica, pois é através dele que se observam algumas dinâmicas de mudança nesse nível linguístico. Esse processo diz respeito à cunhagem de novas palavras em uma língua e tem como resultado um neologismo, como sugere a própria etimologia grega (*neo* “novo” + *logo* “palavra, conceito”). Como observa Alves (1990), esses novos itens lexicais podem advir por mecanismos autóctones, provenientes da própria língua, ou por empréstimos, com itens oriundos de outros sistemas linguísticos. Correia (2012, p. 23) contribui com essa discussão ao caracterizar o processo de neologia, considerando que esse se dê quando “uma unidade lexical cuja forma significativa ou cuja relação significado-significante, caracterizada por um funcionamento efetivo num determinado modelo de comunicação, não se tinha realizado no estágio imediatamente anterior do código da língua”.

Fenômeno que também acontece entre os antropônimos, a neologia não foi discutida nos poucos estudos feitos sobre os nomes de pessoas no Brasil. Essa é uma questão que pode ser explicada sob variados enfoques, considerando-se os aspectos culturais, sociológicos, históricos, entre outros. Aqui se enveredará por uma abordagem mais linguístico-estrutural, como a apresentada por Monteiro (2002), tentando estabelecer aproximações com os processos morfológicos e lexicais que renovam o acervo de palavras comuns na língua, a saber: derivação, composição, empréstimos linguísticos e processos marginais de formação de palavras (truncamento e palavras-valise). É preciso, no entanto, levar em conta as peculiaridades que a morfologia dos nomes próprios tem. Daí, a partir da classificação de Monteiro (2002), tratamos dos processos de formação desses nomes, atualizando a discussão, com base em trabalhos realizados por outros autores, dispersos em vários capítulos de livros e artigos publicados. Nesse sentido, este trabalho promove uma compilação a respeito do tema. Utilizamos, como *corpus* de análise e exemplificação, alguns registros de nomes encontrados em variados *sites* brasileiros.

Derivação imprópria

Para Kehdi (2007), o conceito de derivação imprópria abrange todos os processos de transposição de um mesmo vocábulo de uma classe para outra. Assim, acontece derivação imprópria quando usamos o adjetivo “velho” como um substantivo (o homem

velho > um *velho* chato), ou ainda quando usamos a forma verbal flexionada “demora” como um substantivo (Ele *demora* para se arrumar > a *demora* do ônibus).

Em se tratando de formação de nomes próprios, ocorre derivação imprópria quando vocábulos, originariamente tratados como pertencentes ao léxico dos nomes comuns, passam a ser utilizados no léxico dos nomes próprios, a exemplo dos prenomes *Morena, Sol, Rosa, Branca* etc., e dos sobrenomes *Coelho, Carneiro* etc.

Os estudos antroponímicos contrastivos não apontam a derivação imprópria como um processo característico da antroponímia brasileira, assim, nos resta destacar alguns nomes encontrados no Brasil, como *Leão Lobo, Maria Flor* e *Preta Maria*.

(1) Leão Lobo já é avô da pequena Laura, filha de Ana Beatriz⁸.

(2) A atriz registra cada momento da pequena Maria Flor, sua primeira filha⁹.

(3) Eu nasci no Rio de Janeiro, sou carioca, no dia 08 de agosto de 1974. Foi o máximo, essa história todo mundo conta na família, porque o meu pai foi ao cartório, me registrar, com a minha avó materna, a vó Wangri, minha avó branca, que é a mãe da minha mãe. Chegando lá o tabelião falou: “Você não vai poder registrar o nome de sua filha de Preta”. Imagina! Vocês conhecem meu pai, sabem que ele gosta de falar e já começou a fazer discurso. “Mas por que? Existem Brancas, Brancas, Claras, Rosas e não pode ter Preta?” E o tabelião disse: “Tudo bem, você vai botar Preta, mas só se botar um nome católico junto”. Então eu me chamo Preta Maria por conta do tabelião¹⁰.

De uma forma geral, podemos observar que há uma regularidade nos campos lexicais a que se recorre para a designação de pessoas. É muito comum encontrar, entre os sobrenomes, os nomes de animais (*Lobo, Coelho, Leão, Pinto, Carneiro, Falcão*) e os nomes de plantas (*Figueira, Carvalho, Pereira, Oliveira, Pinheiro*). Quanto aos prenomes tradicionais, Soledade (2012) observou que a maioria deles advém de nomes comuns que podem ser recuperados em contextos como ‘Uma rosa para a professora Rosa’ e ‘Apareceu a Aparecida’. Observa-se, na lista de nomes admitidos e não admitidos em Portugal¹¹, que o prenome *Sol* é admitido lá, mas não *Brisa*, que é encontrado entre brasileiros. São prenomes brasileiros *Preta, Morena, Tiê* e *Imaculada*.

Sufixação

Na visão de Monteiro (2002), a sufixação em nomes próprios se caracterizaria pela anexação de partículas, principalmente, de diminutivos, a nomes designativos. Essa visão se baseia na aproximação entre o léxico antroponímico e o léxico comum e dá conta de explicar nomes como *Antonieta* e *Terezinha*, nos quais os primitivos aparentes *Antônia* e *Tereza* são detectáveis na nossa antroponímia. No entanto, a concepção de sufixação e a própria noção de sufixo devem ser problematizadas¹² quando são abordadas em relação aos nomes de pessoas. Em seu trabalho, Possidônio (2007) listou uma série de possibilidades de construção dos nomes personativos, mostrando que há características bastante diversas, como se pode ver no Quadro 1, a seguir, adaptado do trabalho dessa autora.

⁸ Site Entretenimento R7.

⁹ Site Estrelando.

¹⁰ Site Oficial da Preta Gil.

¹¹ Disponível em: http://www.irn.mj.pt/sections/irn/a_registral/registos-centrais/docs-da-nacionalidade/vocabulos-admitidos-e/downloadFile/file/Lista_de_nomes2016-09-30.pdf?nocache=1476181723.87. Acesso em 15 de novembro de 2016.

¹² Conferir Rodrigues (2016).

Quadro 1: Características formativas da derivação em antropônimo

Configuração formativa	Exemplos
Prefixo + Infixo + Sufixo	Ada + il + ton Ad + el + son Ad + emir Ad + er + van Adi + el + son Ad + il + son Ad + il + ton A + il + ton Ar + u + ane A + yl + ton
Prefixo + Sufixo	Ad + vir Ad + nete Ad + van A + laine Avi + lane
Prefixo + Infixo + Base	Ad + en+ ilza
Base + Sufixo	Adri + ane Alci + one Alzi + ane Ana + ide Ander + lei Andre + son Aquino + ele Ari + ana Ari + ane Ari + ela Ari + ele Ari + lone
Prefixo + Base	Al + deise A + nara Ar + célio Ar + leide
Prefixo + Base + Sufixo	A + lili + ane

Fonte: Possidônio, 2007

Com base no trabalho de Possidônio (2007), podemos perceber que, falar somente em sufixação, nesse contexto, acaba excluindo outros processos de afixação, como a prefixação e a infixação, que se mostram bastante regulares e produtivos na formação de antropônimos. Além disso, cabe mencionar que o detalhamento desses processos de concatenação faz destacar duas características que parecem exclusivas dos antropônimos: a primeira é a maciça presença do elemento infixo, o que não acontece com os nomes comuns, em que a maioria dos infixos funciona apenas como elemento de ligação; e a segunda característica é a possibilidade da ausência de uma base, o que os nomes comuns não admitem em hipótese alguma, exigindo sempre a presença de um morfema lexical básico.

Soledade (2012), olhando para alguns desses mesmos dados utilizados por Possidônio (2007), no âmbito do projeto “Todos os Nomes”, classifica os formativos antropônimos quanto a sua posição recorrente na estrutura concatenada. Daí, utiliza as

nomenclaturas “morfema de posição inicial”, “morfema de posição medial” e “morfema de posição final”, como se pode ver no Quadro 2, extraído do trabalho da autora.

Quadro 2: Segmentação de nomes personativos por afixação

Nome	Posição 1 – inicial	Posição 2 – medial	Posição 3 – final
Adnete	Ad-	–	-nete
Adilson	Ad-	-il-	-son
Adilton	Ad-	-il-	-ton
Adilvan	Ad-	-il-	-van

Fonte: Soledade (2012, p. 327)

Partindo dessas considerações de Soledade (2012), Simões Neto (2014) propôs um sistema de comutação mórfica que agrega tanto a possibilidade de segmentar nomes tradicionais primitivos, em que a base se faz presente, quanto nomes neológicos, nos quais a base pode ou não estar presente. Nessa proposta, disponível no Quadro 3, a seguir, o autor investe em uma aproximação entre o léxico comum e o léxico antroponímico, como se pode ver.

Quadro 3: Proposta de segmentação

MPI ¹³	MN ¹⁴	MDPM ¹⁵	MDPF ¹⁶	VT ¹⁷	MG ¹⁸	MEXP ¹⁹
	CARL			O		S
	CARL				A	
	CARL		INH		A	
	CARL		IT	O		
	CARL	OT			A	
ED	CARL				A	
ED	CARL			O		S
	CHARL			E		S
	CHARL		EN	E		
	CHARL	OT		E		
	CAROL		IN		A	
	CARL	OT	IN		A	

Fonte: Simões Neto (2014, p. 80)

Com base nesses exemplos, a partir da família derivativa *Carl-*, Simões Neto (2014) toca em questões ligadas aos seguintes fenômenos morfológicos: a) alomorfia da base, em que *Carol-*, *Charl-* e *Carl-* são alomorfes; b) a marcação de gênero, em uma suposta oposição à vogal temática, como se pode perceber nos pares *Carlos* e *Carla*; c) a representação da herança das marcas do caso latino, como se percebe no *-s* de *Carlos* e *Charles*; d) a possibilidade de acumulação de morfemas derivacionais, que devem ser

¹³ Morfema de Posição Inicial.

¹⁴ Morfema Nuclear. O autor usa essa nomenclatura para não utilizar o Morfema Lexical Básico, recorrente na estruturação de nomes comuns. Isso se justifica a partir da ideia de Ullmann (1967) de que nomes próprios não têm qualquer significado linguístico, logo não seria interessante investir no conceito de morfema lexical.

¹⁵ Morfema Derivacional de Posição Medial.

¹⁶ Morfema Derivacional de Posição Final.

¹⁷ Vogal Temática.

¹⁸ Morfema de Gênero.

¹⁹ Morfema Expressivo.

representados, levando-se em consideração a sua posição recorrente e, nesse sentido, o autor considera as observações de Soledade (2012).

Algumas soluções apresentadas por Simões Neto (2014) são bastante questionáveis, pois, a oposição proposta pelo autor entre a marca de masculino e a marca de feminino não parece fazer muito sentido para os nomes próprios, uma vez que, se em “O candidato deve se inscrever até amanhã”, o “candidato” não deve ser presumido como sendo do gênero masculino. Já em “Paulo deve se inscrever até amanhã”, “Paulo”, certamente, será presumido como sendo do gênero masculino. Assim, parece bastante certa, para a realidade dos nomes próprios, a proposta de Nascimento (2011) sobre a vogal temática dos nomes em geral, entendendo-se, então, que em *Carlos* e *Carla*, o *-o* e o *-a* devem ser tratadas como vogais temáticas que, nesse contexto, fazem oposição de gênero, mas nem sempre isso acontece.

A fim de encerrar o debate sobre a afixação em nomes, apresentamos alguns registros de formação em *-son*, formativo de posição final de origem inglesa que tem sido, recorrentemente, utilizado na formação de nomes neológicos na antropônimo brasileira, como podemos ver nos exemplos destacados a seguir:

(4) A Polícia Civil de Corumbá apura as circunstâncias da morte do dentista Julielson Pereira Dib, de 39 anos, no final da manhã deste domingo, 08 de fevereiro²⁰.

(5) Anderson pode ser o presente de fim de ano que o Inter esperava²¹.

(6) Edmilson, o auxiliar pontual escolhido por Gilmar e Dunga para os amistosos contra Costa Rica e EUA, foi um zagueiro de técnica afinada²².

Os nomes destacados – *Julielson*, *Anderson* e *Edmilson* – apresentam configurações formativas diferentes. Nos termos de Possidônio (2007), em *Julielson* há uma configuração de base (*Juli*) + infixo (*el*) + sufixo (*son*); em *Anderson*, temos base (*Ander* – *alomorfe de André*) + sufixo (*son*); e *Edmilson* não apresenta base e tem a configuração prefixo (*Ed*) + infixo (*mil*) + sufixo (*son*). Se colocados em um quadro, conforme a proposta de Simões Neto (2014), temos a representação a seguir:

Quadro 4: Segmentação de nomes com o formativo *-son*

MPI	MN	MDPM	MDPF	VT	MG	MEXP
Ø	JULI	EL	SON	Ø	Ø	Ø
Ø	ANDER	Ø	SON	Ø	Ø	Ø
ED	Ø	MIL	SON	Ø	Ø	Ø

Fonte: Elaboração própria

Composição

Na abordagem de Monteiro (2002), a composição em nomes próprios está plenamente associada à composição em nomes comuns, destacando-se os processos de justaposição e aglutinação. Assim, a composição em personativos pode acontecer, conforme Rodrigues (2016),

[...] com a marcação gráfica dos elementos separados (por exemplo, José André, formando um prenome duplo), com justapostos ligados, ou seja, em que não há perda de segmento fônico (por exemplo, Analucia), ou com aglutinados, em que há crase ou elisão e, conseqüentemente, perda de segmento fônico (por exemplo, Rosalva) (RODRIGUES 2016, p. 31).

²⁰ Site Diário Corumbaense.

²¹ Site Zero Hora.

²² Site CBF.

Apresentamos aqui alguns exemplos: no primeiro, estão os elementos separados (por exemplo, *João Lucas*); no segundo, com justapostos ligados, não permitindo perda de segmento fônico (por exemplo, *Sarajane*) e, no terceiro, com aglutinados, em que há perda de segmento fônico (por exemplo, *Analice*).

(7) Dupla João Lucas e Marcelo surpreende fãs ao lançar novo disco com músicas inéditas²³.

(8) ‘Enchi o saco de cantar A Roda’, diz Sarajane, uma das musas do axé²⁴.

(9) Record Bahia recebe apresentadora Analice Salles de volta²⁵.

Há outras perspectivas que podem ser acrescentadas por Monteiro (2002) para se observar a composição no que tange aos antropônimos. Destacamos as menções feitas por Souza (2009), Possidônio (2007), Soledade (2012) e Rodrigues (2016). Com Souza (2009), vemos mais uma questão terminológica. A autora, analisando nomes que seguem o mesmo padrão de *João Lucas* e *José André*, escolhe o termo “nomes duplos”, uma vez que o uso do termo “nomes compostos” para esses casos podem trazer à tona a discussão em torno da composição de nomes comuns em que duas ou mais palavras, com dois ou mais morfemas lexicais básicos, se unem num todo vocabular, expressando um só significado que, ironicamente, não se alcança de maneira composicional. Como a premissa para essa autora é a de que os nomes próprios não têm significado, não há uma correspondência entre usar *João* para *João Lucas* e usar “pé” para falar do “pé de moleque”.

Isso não significa dizer que não se usou o termo “composição” no âmbito dos trabalhos do projeto “Todos os Nomes”. Possidônio (2007), por exemplo, destacou algumas formações composicionais neológicas, mas note-se, com o Quadro 5, que nesses casos não há a mesma facilidade, por assim dizer, em separar os elementos básicos. No trabalho em questão, Possidônio (2007) apontou que, em se tratando de antropônimos, há tanto a formação base + base quanto à formação base + infixo + base, sendo essa segunda uma característica particular dos personativos, ao que parece.

Quadro 5: Características formativas da composição em antropônimos

Configuração formativa	Exemplos
Base + Base	Adal + bério Alci + nara Alzi + nira Ana + lice Ana + lu Ani + Cleide
Base + Infixo + Base	Ari + os + valdo Ari + s + valdo

Fonte: Possidônio (2007)

Note-se que, na tabela acima, a autora analisa como base formas hipocorísticas, como *Lu* e *Lice*. Soledade (2012) apresentou os casos de segmentação de nomes compostos, levando em conta a sua classificação quanto à posição, daí a autora destaca que, nos casos reproduzidos no Quadro 6, é possível observar os elementos formativos acontecendo como formas livres na língua (*Mari*, *Nalva*, *Inês*, *Sol*, *Valdo*) e menciona a

²³ Site Afnotícias.

²⁴ Site Época.

²⁵ Site Famosos da Web.

possibilidade tanto da ocorrência dos segundos formativos na primeira posição, como em *Valdomiro*, *Nalvalice* e *Inesalva*, quanto da ocorrência de *Mari* em posição final, como em *Admari*.

Quadro 6: Segmentação de nomes personativos por composição

Nome	Posição1 – inicial	Posição 2 - medial	Posição 3 – final
Marinalva	Mari-		-nalva
Marinês	Mar(i)-		-inês
Marissol	Mari-		-sol
Marivaldo	Mari-		-valdo

Fonte: Soledade (2012, p. 327)

Por último, destacamos o trabalho de Rodrigues (2016), que faz menção à composição bitemática, caracterizada como uma estrutura recorrente na formação de nomes personativos entre os antigos povos germânicos. A autora explica o processo da seguinte maneira:

[...] Piel (1960), citado por Mattos e Silva (2003), explica que o sistema de nomeação germânico normalmente utilizava uma formação bitemática, em que dois elementos do léxico comum são unidos para formar um composto personativo, por exemplo, no caso de Teodorico (Teodo ‘povo’ + rikus ‘rico, poderoso’) (RODRIGUES, 2016, p. 26).

Rodrigues (2016), a fim de dar mais exemplos do processo, apresenta um quadro com alguns antropônimos considerados tradicionais, levando-se em consideração a recuperação etimológica dos formativos germânicos. Esse quadro está reproduzido no Quadro 7.

Quadro 7: Antropônimos a partir da recuperação etimológica dos formativos germânicos

ADALFREDO: athal, al. mod. edel, <nobre> e frid, al. mod. Friede, <paz>, <pacificador nobre>
ADALBERTO: athal, al. mod. edel, <nobre> e bertho, <brilhante>, <guerreiro brilhante>
ARNALDO: Aar, <águia> e wald, <forte, potente> <águia poderosa, forte>

Fonte: Rodrigues (2016, p. 27)

O trabalho de Rodrigues (2016) se centra na observação de que há elementos formativos de origem germânica que têm sido recorrentes na construção de muitos nomes personativos neológicos no português do Brasil. Além disso, também se faz bastante presente o uso da estrutura bitemática assim como faziam os povos germânicos (exceto pela contraparte semântica que, hodiernamente, se mostra opaca), como nos casos de *Ederaldo* (*Ede-* [do germânico anglo-saxão *ead* <riqueza, bens>] + *-r-* + *-aldo* [do germânico *walt/wald* <forte, poderoso>]), *Ederval* (*Ede-* [do germânico anglo-saxão *ead* <riqueza, bens>] + *-r-* + *-val* [do germânico *balths; walt; waldan* <audaz; poderoso; governar>]), *Valmiro* (*Val-* [do germânico *balths; walt; waldan* <audaz; poderoso; governar>], + *-mir(o)* [do germânico *-mar* <afamado, ilustre>]), *Gilsimar* (*Gil-* [do germânico *gisil* <penhor>] + *-si-* + *-mar* [do germânico *-mar* <afamado, ilustre>]), *Francinaldo* (*Franci-* [do germânico *frank* <franco>] + *-naldo* [do germânico *walt/wald* <forte, poderoso>]), entre outros.

Braquissemia

A braquissemia, segundo Monteiro (2002, p. 174), é “o emprego de parte de um

“vocábulo pelo vocábulo inteiro”. Os exemplos do autor são: *foto* (fotografia), *moto* (motocicleta), *quilo* (quilograma), *inox* (inoxidável) e *pneu* (pneumático). Embora essas palavras mencionadas por Monteiro (2002) se mostrem bastante cristalizadas na língua, o processo de braquisssemia ainda se mostra produtivo, sobretudo quando o associamos a outros processos de formação de palavras, como o truncamento (BELCHOR, 2016), que se observa nos casos de *refri* (refrigerante), *madruga* (madrugada), *responsa* (responsabilidade) e *fono* (fonoaudiólogo).

Em se tratando da antroponímia, Monteiro (2002) observa que a braquisssemia acontece, recorrentemente, na formação dos chamados hipocorísticos (derivação do prenome geralmente utilizada em âmbitos familiares para expressar afetividade), devendo-se admitir a possibilidade de esse hipocorístico ser utilizado como um prenome. No Brasil, podemos observar que o hipocorístico *Zeca* também pode ser utilizado como prenome de batismo.

(10) Eu sou uma que não gosto de apelido como nome – eu colocaria José Carlos ou qualquer outra combinação com José e chamaria de Zeca. Mas realmente não acho que seja um nome tão problemático – ia dizer justamente o que a Mary Shelley disse, que é o nome do filho do Caetano Veloso (acredito que por conta da música Milagre, de Dorival Caymmi, já que o filho mais velho dele se chama Moreno).²⁶

Não só *Zeca*, mas também *Tom*, *Cadu* e *Max* são encontráveis como prenomes no Brasil. Em Portugal, desses, apenas *Max* foi visto na lista de nomes admitidos no país.

Acrossemia

A acrossemia se define pela mistura de sílabas ou fonemas. Alguns exemplos dados por Monteiro (2002) são formações de nomes de marcas, também conhecidas como oneônimos, como *Nescau* (*Nestlé* + *cacau*) e *Embratur* (*Empresa* + *brasileira* + *turismo*). Este processo morfofonológico caracteriza os chamados cruzamentos vocabulares como, por exemplo, *sapatênis* (*sapato* + *tênis*), *crionça*, (*criança* + *onça*) e *zebrasno* (*zebra* + *asno*).

No que tange aos nomes próprios, a acrossemia acontece na combinação de nomes diferentes, geralmente, como forma de homenagear parentes, a exemplo de *Claudionor* (*Cláudia* + *Leonor*) e *Jomar* (*João* + *Maria*), o que resulta, na maioria das vezes, em um antropônimo neológico, como nos exemplos de *Mart'nália* e *Analimar*.

(11) Veio da cabeça louca do meu pai (risos). Primeiro, ele colocou o nome Analimar na minha irmã, uma junção de Anália, minha mãe, e de Martinho. No meu, Mart'nália, ele só trocou a ordem. Antigamente tinha essa coisa de juntar os nomes. Ainda bem que nasci com cara de Mart'nália (risos). (Site Revista QUEM)

Anagrama

Este processo ocorre quando há inversão total ou troca de sílabas dos nomes e, ao que parece, não se mostra como um recurso na formação de nomes comuns. Entretanto, ainda que discretamente, acontece com a atribuição de nomes de pessoas. Exemplo disso, é o célebre caso de *Iracema*, anagrama de *América*. Encontramos, na antroponímia brasileira, o caso de dois anagramas: *Alobened* (anagrama de *Denébola*) e *Airam* (anagrama de *Maria*). O relato-fonte está destacado a seguir.

²⁶ Site Baby Center

(12) O pai de Alobened era pesquisador. Ao conhecer a história da estrela, se apaixonou. ‘Ele batizou a fazenda dele e a minha irmã mais velha com este nome: Denébola Maria. Como eu fui a última a nascer, ele colocou Alobened Airam, que é o contrário do nome de minha irmã. Então, eu sou uma estrela ao contrário’, brinca.

Empréstimos

Normalmente os empréstimos ocorrem quando uma pessoa de outra nacionalidade se torna bastante conhecida, acarretando na possibilidade de que seu nome seja “importado” para outra língua, como os casos de *Charles* e *Elvis*. Também podem ocorrer casos em que há inspiração, mas não adoção completa de acordo com a fonologia ou ortografia da língua para a qual se destina, como ocorre com *João Lenon*, já adaptado para o português. Importa mencionar que nesses casos as adequações ortográficas nem sempre são mantidas, a exemplo do acréscimo ou alteração para as letras “n”, “w”, “y”, “k”, “l” etc.

(13) Fernanda [Young] é mãe também de John, de quem tem a guarda provisória enquanto corre o processo de adoção, e das gêmeas Cecília Madonna e Stella May, 9 anos.

Considerações finais

A produção de estudos em onomástica ainda é um desafio das controvérsias ou da própria falta de atenção que os linguistas dispensaram a ela no decorrer dos anos. Acreditamos que as reflexões levantadas neste estudo engendram avultadas contribuições para essa ciência linguística que, mesmo apresentando um recente interesse por parte dos pesquisadores, como ficou comprovado a partir dos estudos mencionados no decorrer deste artigo, ainda se mostra pouco discutida no âmbito da linguística em geral. Dessa forma, reforçamos a necessidade ainda vigente de trabalhos voltados para essa área.

De fato, assim como outros autores, a exemplo de Ivo Castro (2004), já demonstraram que o fenômeno do neologismo se faz muito presente no que tange à estrutura dos prenomes no âmbito da antroponímia brasileira, de modo oposto ao que se verifica no léxico dos nomes próprios de Portugal. Porém, não só de divergências é composto o quadro antroponímico dos dois países. Verificamos com Castro (2004) a grande semelhança no que tange à utilização dos sobrenomes, muito provavelmente em decorrência das heranças deixadas pelo processo de colonização lusitana em terras brasileiras.

Também intentamos demonstrar um pouco do que vem se fazendo no que diz respeito à antroponímia no Brasil. Para isso, retomamos o trabalho de Mexias-Simon (2004), da perspectiva fluminense, além do projeto “Todos os Nomes” (2007-2009) e seus devidos desdobramentos ainda hoje observados na Universidade Federal da Bahia, local no qual foi realizado. Por fim, almejamos demonstrar, por meio de Monteiro (2002) e de outros trabalhos relevantes para o tema, além de exemplos observados na nossa antroponímia, descrições dos considerados principais processos morfológicos na construção de nomes personativos neológicos.

Referências

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo**: criação lexical. São Paulo: Ática, 1990.

- BELCHOR, Ana Paula Victoriano. **Truncamento**. In: GONÇALVES, C. A. V. (org). **Processos marginais de formação de palavras**. Campinas: Pontes, 2016.
- CASTRO, Ivo. **A atribuição do nome próprio no espaço luso-brasileiro: dados paulistas**. In: AGRELO, A. I. B (org.). **Novi te ex nomine**: estudos filológicos oferecidos ao Prof. Dr. Dieter Kremer. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, 2004, pp. 245-256.
- CORREIA, Margarita. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola, 2012.
- KEHDI, Valter. **Formação de palavras em português**. São Paulo: Ática, 2007.
- MARTINS, Sônia. **Expropriação de nomes indígenas e africanos na história linguística do Brasil**. Trabalho apresentado no ROSAE: congresso internacional de linguística histórica. Salvador, Feira de Santana, 26-29 julho, 2009.
- MEXIAS-SIMON, Maria Lúcia e Oliveira; MATTOS, Aleida de. **O nome do homem: reflexões em torno dos nomes próprios**. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação, 2004.
- MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia portuguesa**. Campinas: Pontes, 2002.
- NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952.
- NASCIMENTO, Mauro José Rocha. Vogal temática nominal e gênero no português. **Linguística** (PPGL/UFRJ), v. 2, p. 207-228, 2006.
- POSSIDÔNIO, Priscila Maria de Oliveira. **A criação de nomes próprios no português brasileiro: aspectos mórficos da neologia antroponímica**. Trabalho apresentado no seminário estudantil de pesquisa. Salvador, 3-5 outubro, 2007.
- _____. **Inventando nomes: a neologia antroponímica na Bahia contemporânea**. Trabalho apresentado no ROSAE: congresso internacional de linguística histórica. Salvador, Feira de Santana, 26-29 julho, 2009.
- RODRIGUES, Letícia Santos. **Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos germânicos no Brasil**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- SILVA, Irani Sacerdote. **Estrangeirismos e empréstimos: uma perspectiva antroponímica**. Trabalho apresentado no ROSAE: congresso internacional de linguística histórica. Salvador, Feira de Santana, 26-29 julho, 2009.
- SIMÕES NETO, Nival Almeida. Perdas do nome: um estudo onomástico sobre a renomeação de travestis, mulheres transexuais e transformistas brasileiras. **Revista Portuguesa de Humanidades**, 18, 2014, pp. 67-90.
- SOLEDADE, Juliana. **A antroponímia no português arcaico: aportes sobre a sufixação em nomes próprios personativos**. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012.
- ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Traduzindo por Mateus, J. A. Osorio. Lisboa: Calouste-Gulbenkian, 1967.

Submetido em 15 de novembro de 2016.

Aprovado em 18 de maio de 2017.